

# O Operário da Utopia

Affonso Romano de Sant'anna

Apanhado em meio à noite,  
jogado no chão da cela,  
o corpo conhece, nú,  
a primeira humilhação.  
Outras virão: o soco,  
o choque, a ameaça,  
o urro na escuridão.

- Quantos volts  
suporta o corpo  
- em coação,  
até que dele escorra o fel  
da delação?

- O que procura o torturador  
nas pedras do rim alheio  
como vil minera/dor?  
-O que ama esse ama/dor  
da morte?  
esse morcego suga/dor  
sob os porões da corte?  
esse joga/dor  
do jogo bruto?  
esse serviçal da morte  
e cria/dor  
- do luto?

O torturador se julga, e acaso o é,  
um trabalha/dor diferente:  
seu trabalho é destruir  
o sonha/dor insistente  
como o médico que resolvesse  
matar de dor  
- o paciente.

Mas sob a tortura  
o que há de melhor no homem  
jamais se manifesta. Quando muito  
podeis catar pelo chão  
o pouco que dele resta.

Mas soltai-o em festa, ao sol  
e vereis que a verdade  
de seus gestos se irradia.

Livre  
vestindo a pele do dia,  
o torturado caminha  
com seu corpo tatuado  
de violência e poesia.  
Mas ele não marcha só.  
Apenas segue na frente  
na direção da utopia.

Os Desaparecidos

De repente, naqueles dias, começaram  
a desaparecer pessoas, estranhamente.

Desaparecia-se. Desaparecia-se muito  
naqueles dias.

la-se colher a flor oferta  
e se esvanecia.  
Eclipsava-se entre um endereço e outro  
ou no táxi que se ia.  
Culpado ou não, sumia-se  
ao regressar do escritório ou da orgia.  
Entre um trago de conhaque  
e um aceno de mão, o bebedor sumia.  
Evaporava o pai  
ao encontro da filha que não via.  
Mães segurando filhos e compras,  
gestantes com tricots ou grupos de estudantes  
desapareciam.  
Desapareciam amantes em pleno beijo  
e médicos em meio à cirurgia.  
Mecânicos se diluíam  
- mal ligavam o tórno do dia.

Desaparecia-se. Desaparecia-se muito  
naqueles dias.

Desaparecia-se a olhos vistos  
e não era miopia. Desaparecia-se  
até a primeira vista. Bastava  
que alguém visse um desaparecido  
e o desaparecido desaparecia.  
Desaparecia o mais conspícuo  
e o mais obscuro sumia.  
Até deputados e presidentes esvaneciam.  
Sacerdotes, igualmente, levitando  
iam, arefeitos, constatar no além,  
como os pescadores partiam.

Desaparecia-se. Desaparecia-se muito  
naqueles dias.

Os atores no palco  
entre um gesto e outro, e os da platéia  
enquanto riam.  
Não, não era fácil ser poeta naqueles dias.  
Porque os poetas, sobretudo  
- desapareciam.

Se fosse ao tempo da Bíblia, eu diria  
que carros de fogo arrebatavam os mais puros  
em mística euforia. Não era. É ironia.  
E os que estavam perto, em pânico, fingiam  
que não viam. Se abstraíam.  
Continuavam seu baralho a conversar demências  
com o ausente, como se ele estivesse ali sorrindo  
com suas roupas e dentes.

Em toda família à mesa havia  
uma cadeira vazia, a qual se dirigiam.  
Servia-se comida fria ao extinguido parente  
e isto alimentava ficções  
- nas salas e mentes  
enquanto no palácio, remorsos vivos boiavam

- na sopa do presidente.

As flores olhando a cena, não compreendiam.  
Indagavam dos pássaros, que emudeciam.

As janelas das casas, mal podiam crer  
- no que viam.

As pedras, no entanto,  
gravavam os nomes dos fantasmas  
pois sabiam que quando chegasse a hora  
por serem pedras, falaria.

O desaparecido é como um rio:

- se tem nascente, tem foz.

Se teve corpo, tem ou terá voz.

Não há verme que em sua fome  
roa totalmente um nome. O nome

habita as vísceras da fera

Como a vítima corrói o algoz.

E surgiam sinais precisos  
de que os desaparecidos, cansados  
de desaparecerem vivos  
iam aparecer mesmo mortos  
florescendo com seus corpos  
a primavera de ossos.

Brotavam troncos de árvores,  
rios, insetos e nuvens em cujo porte se viam  
vestígios dos que sumiam.

Os desaparecidos, enfim,  
amadureciam sua morte.

Desponta um dia uma tibia  
na crosta fria dos dias  
e no subsolo da história  
- coberto por duras botas,  
faz-se amarga arqueologia.

A natureza, como a história,  
segrega memória e vida  
e cedo ou tarde desova  
a verdade sobre a aurora.

Não há cova funda

que sepulte

- a rasa covardia.

Não há túmulo que oculte  
os frutos da rebeldia.

Cai um dia em desgraça  
a mais torpe ditadura  
quando os vivos saem à praça  
e os mortos da sepultura.

## Bibliografia

[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/dh\\_utoopia/index.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/dh_utoopia/index.html)